



PROCESSO SELETIVO À MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNA 2018 – MOBILIN 2018

EDITAL Nº 1 – COPERPS, DE 08 DE JANEIRO DE 2018

18 de fevereiro de 2018

BOLETIM DE QUESTÕES

Nome: _____ Nº de Inscrição: _____

ÁREA V – LETRAS, COMUNICAÇÃO E CIÊNCIAS DAS ARTES

Artes Visuais; Cinema e Audiovisual; Comunicação Social (Jornalismo; Publicidade e Propaganda); Libras e LP; Língua Alemã; Língua Espanhola; Língua Francesa; Língua Inglesa; Língua Portuguesa; Produção Multimídia; Museologia e Teatro.

LEIA COM MUITA ATENÇÃO AS INSTRUÇÕES SEGUINTE.

- 1 Confira se o Boletim que você recebeu corresponde ao curso ao qual você está inscrito, conforme consta no seu cartão de inscrição e cartão resposta. Caso contrário comunique ao fiscal de sala.
- 2 Este Boletim contém a PROVA OBJETIVA.
- 3 O Boletim de Questões consistirá de 40 (quarenta) questões de múltipla escolha, sendo 10 (dez) questões de Língua Portuguesa, 10 (dez) questões de Literatura, 10 (dez) questões de Filosofia e 10 (dez) questões de História. Cada questão objetiva apresenta 5 (cinco) alternativas. Identificadas por (A), (B), (C), (D) e (E), das quais apenas uma é correta.
- 4 Confira se, além deste Boletim, você recebeu o Cartão-Resposta, destinado à marcação das respostas das questões objetivas.
- 5 É necessário conferir se a prova está completa e sem falhas, bem como se seu nome e o número de sua inscrição conferem com os dados contidos no Cartão-Resposta. Em caso de divergência, comunique imediatamente o fiscal de sala.
- 6 O Cartão-Resposta só será substituído se nele for constatado falha de impressão.
- 7 Será de exclusiva responsabilidade do candidato a certificação de que o Cartão-Resposta que lhe for entregue no dia da prova é realmente o seu. Não deverá ser dobrado, amassado, rasurado, manchado ou danificado de qualquer modo.
- 8 Após a conferência, assine seu nome no espaço próprio do Cartão-Resposta.
- 9 No Cartão-Resposta não serão computadas as questões cujas alternativas estiverem sem marcação, com marcação a lápis (grafite), com mais de uma alternativa marcada e aquelas que contiverem qualquer espécie de corretivo sobre as alternativas.
- 10 A marcação do Cartão-Resposta deve ser feita com caneta esferográfica de tinta preta ou azul.
- 11 O Cartão-Resposta será o único documento considerado para a correção. O Boletim de Questões deve ser usado apenas como rascunho e não valerá, sob hipótese alguma, para efeito de correção.
- 12 O tempo disponível para esta prova é de três horas, com início às 14 horas e término às 17 horas, observado o horário de Belém/PA.
- 13 O candidato deverá permanecer obrigatoriamente no local de realização da prova por, no mínimo, uma hora após o início da prova.
- 14 Ao terminar a prova, o candidato deverá entregar ao fiscal de sala o Boletim de Questões e o Cartão-Resposta, e assinar a lista de presença.
- 15 Após às 16h30min o candidato poderá solicitar ao fiscal levar este Boletim de Questões.



MARQUE A ÚNICA ALTERNATIVA CORRETA NAS QUESTÕES DE 1 A 40.

LÍNGUA PORTUGUESA

A QUESTÃO DA NATUREZA HUMANA

1 Ao longo das últimas décadas, a concepção de Dalai-Lama da natureza compassiva dos seres
2 humanos parece estar aos poucos ganhando terreno no Ocidente, embora tenha sido uma luta árdua. A
3 noção de que o comportamento humano é essencialmente egocêntrico, de que no fundo é mesmo cada
4 um por si, está profundamente enraizada no pensamento ocidental. A ideia de que não só somos
5 inerentemente egoístas, mas também que a agressividade e a hostilidade fazem parte da natureza humana
6 essencial domina nossa cultura há séculos. Naturalmente, ao longo da história houve um bom número de
7 pessoas com opinião contrária. Por exemplo, em meados do século XVIII, David Hume escreveu sobre a
8 “benevolência natural” dos seres humanos. E um século depois, até mesmo Charles Darwin atribuiu um
9 “instinto de solidariedade” à nossa espécie. No entanto, por algum motivo, a visão mais pessimista da
10 humanidade está arraigada na nossa cultura, pelo menos desde o século XVII, sob a influência de filósofos
11 como Thomas Hobbes, que tinha uma opinião bastante negativa da espécie humana. Ele considerava a
12 humanidade violenta, competitiva, em constante conflito e preocupada apenas com interesses pessoais.
13 Hobbes, que era famoso por descartar qualquer ideia de uma bondade humana essencial, foi uma vez
14 flagrado dando esmola a um mendigo na rua. Quando questionado a respeito desse impulso generoso, ele
15 alegou não estar fazendo aquilo para ajudar o mendigo; estava só aliviando sua própria consternação
16 diante da pobreza do homem.

17 Depois de aceitar a premissa do nosso egocentrismo essencial, uma série de cientistas proeminentes,
18 ao longo dos últimos cem anos, acrescentou a ela uma crença na natureza agressiva essencial dos
19 humanos. Freud afirmou que “a inclinação à agressividade é uma disposição original, instintiva e que
20 subsiste por seus próprios meios”. Na segunda metade do século passado, os pesquisadores Robert
21 Ardrey e Konrad Lorenz observaram padrões de comportamento animal em certas espécies de predadores
22 e concluíram que os seres humanos eram basicamente predadores também, providos de um impulso inato
23 ou instintivo para lutar por território.

24 Nos últimos anos, porém, a maré parece estar se voltando contra essa visão profundamente pessimista
25 da humanidade, aproximando-se mais da percepção do Dalai-Lama da brandura e da compaixão da nossa
26 natureza latente. Ao longo das duas ou três últimas décadas do século passado, houve literalmente
27 centenas de estudos científicos que indicaram que a agressividade não é essencialmente inata e que o
28 comportamento violento é influenciado por uma variedade de fatores biológicos, sociais, situacionais e
29 ambientais. Talvez a declaração mais abrangente sobre as pesquisas mais recentes esteja resumida na
30 Declaração sobre a Violência de Sevilha, de 1986, que foi redigida e firmada por vinte cientistas de renome,
31 do mundo. Nesse texto, eles naturalmente reconheceram que o comportamento violento ocorre, sim, mas
32 afirmaram categoricamente que é incorreto em termos científicos dizer que temos uma tendência herdada
33 para entrar em guerras ou para agir com violência. Esse comportamento não está programado
34 geneticamente na natureza humana. Disseram que, apesar de termos um sistema neural necessário para
35 agir com violência, esse comportamento em si não é ativado de modo automático. Ao examinar o tema da
36 natureza humana essencial, a maioria dos pesquisadores do campo percebe atualmente que no fundo
37 temos um potencial para nos tornarmos pessoas serenas, atenciosas, ou pessoas violentas, agressivas.
38 O impulso que acaba sendo realçado é em grande parte uma questão de treinamento.

39 Pesquisadores contemporâneos refutam a ideia da agressividade inata da humanidade. Não só isso,
40 mas a ideia de que os seres humanos têm um egoísmo inato também está sofrendo ataque. Estudiosos
41 como C. Daniel Batson ou Nancy Eisenberg, da Arizona State University, realizaram numerosas pesquisas
42 que demonstraram que os seres humanos têm uma tendência ao comportamento altruísta. Também a dra.
43 Wilson, ao examinar cem catástrofes naturais, descobriu forte padrão de altruísmo entre as vítimas, que
44 pareciam fazer parte do processo de recuperação. Descobriu que o trabalho conjunto para ajudar uns aos
45 outros costumava afastar a possibilidade de problemas psicológicos no futuro.

46 Tomar a iniciativa de ajudar os outros pode ser tão essencial à nossa natureza quanto a comunicação.
47 Seria possível traçar uma analogia com o desenvolvimento da linguagem que, à semelhança da
48 capacidade para a compaixão e o altruísmo, é uma das características da espécie humana. Determinadas
49 áreas do cérebro são especialmente devotadas ao potencial para a linguagem. Se formos expostos às
50 condições ambientais adequadas, ou seja, a uma sociedade que fala, essas áreas distintas do cérebro
51 começam a se desenvolver e a amadurecer à medida que nossa capacidade para a linguagem for
52 crescendo. Da mesma forma, todos os seres humanos podem ter como dom natural a “semente da
53 compaixão”. Quando expostas às condições adequadas – em casa, na sociedade como um todo e, mais
54 tarde, por meio dos nossos próprios esforços direcionados – essa “semente” vicejará. Com essa ideia na
55 mente, pesquisadores estão agora procurando descobrir as condições ambientais ótimas que permitam
56 que a semente da atenção e compaixão pelos outros amadureça em crianças. Já identificaram alguns



57 fatores: ter pais capazes de moderar suas próprias emoções, que sejam modelos de comportamento
58 atencioso, que estabeleçam limites adequados para o comportamento dos filhos, que comuniquem à
59 criança que ela é responsável pelo seu próprio comportamento e que usem a argumentação para ajudar a
60 direcionar a atenção da criança para estados emocionais ou afetivos bem como para as consequências do
61 seu comportamento sobre os outros.

(SUA SANTIDADE O DALAI-LAMA; CUTTLER, C. A arte da felicidade: um manual para a vida. Trad. Waldéa Barcelos. São Paulo: Martins Fontes, 2002). Adaptado.

- 1** Sobre a intenção do texto “A questão da natureza humana” e as ideias que nele se discutem acerca do comportamento do ser humano, compreende-se que
- (A) o texto tem o propósito de fazer uma crítica, ainda que velada, ao conhecimento construído pela cultura ocidental.
 - (B) a tese de que o homem é profundamente egoísta, como bem exemplifica o pensamento de Thomas Hobbes (filósofo do século XVII), mostrou-se uníssona no mundo ocidental até recentemente (século passado).
 - (C) o conhecimento dos monges budistas, representados por Dalai-Lama, porque não baseado em experimentos científicos, tem contribuído em menor escala para o conhecimento da natureza humana.
 - (D) a ciência tem percebido, no campo da pesquisa sobre a neurofisiologia humana, um potencial tanto para brandura e compaixão como para a agressividade, que é definido conforme os impulsos exteriores condicionantes.
 - (E) existem, conforme o texto, alguns comportamentos sociais dos seres humanos que são programados geneticamente na natureza humana.
- 2** Sobre as ideias confrontadas no texto, entende-se que
- (A) há pensadores no mundo ocidental que, mesmo sob o domínio da visão do egoísmo, no século passado, reconheceram a existência de um impulso generoso na natureza humana, aproximando-se, assim, da percepção do Dalai-Lama da brandura e da compaixão da nossa natureza latente.
 - (B) a agressividade seria um aspecto positivo do comportamento humano, segundo se deduz dos resultados dos estudos de Robert Ardrey e Konrad Lorenz, pois garante ainda hoje a sobrevivência humana.
 - (C) a observação científica de que “a agressividade não é necessariamente inata e de que o comportamento violento é influenciado por uma variedade de fatores biológicos, sociais, situacionais e ambientais” serviu à comprovação do pensamento do Dalai-Lama sobre a natureza compassiva do ser humano.
 - (D) os estudos de C. Daniel Batson ou Nancy Eisenberg, da Arizona State University, nos quais se demonstra que os seres humanos têm uma tendência ao comportamento altruísta, dão continuidade aos estudos de David Hume acerca da “benevolência natural” dos seres humanos.
 - (E) David Hume, que escreveu sobre a “benevolência natural” dos seres humanos, e Charles Darwin, que atribuiu um “instinto de solidariedade” à nossa espécie, influenciaram diretamente a concepção do Dalai-Lama sobre a natureza humana.
- 3** Em textos em que se discutem conceitos e se argumentam sobre ideias, é um procedimento usual recorrer à exemplificação com dados concretos do mundo que dão sustentação ao que se afirma. Esse procedimento é o que se apresenta na alternativa
- (A) “A ideia de que não somos inerentemente egoístas, mas de que a agressividade e a hostilidade fazem parte da natureza humana essencial domina nossa cultura há séculos.” (linhas 4 a 6)
 - (B) “No entanto, por algum motivo, a visão mais pessimista da humanidade está arraigada na nossa cultura, pelo menos desde o século XVII, sob a influência de filósofos como Thomas Hobbes.” (linhas 9 a 11)
 - (C) “Depois de aceitar a premissa do nosso egocentrismo essencial, uma série de cientistas proeminentes, ao longo dos últimos cem anos, acrescentou a ela uma crença na natureza agressiva essencial dos humanos.” (linhas 17 a 19)
 - (D) “Freud afirmou que ‘a inclinação à agressividade é uma disposição original, instintiva e que subsiste por seus próprios meios’.” (linhas 19 e 20)
 - (E) “Na segunda metade do século passado, os pesquisadores Robert Ardrey e Konrad Lorenz observaram padrões de comportamento animal em certas espécies de predadores e concluíram que os seres humanos eram basicamente predadores também.” (linhas 20 a 22)



- 4** As metáforas são recursos não só do domínio literário, mas também empregadas na elaboração de texto dissertativo-argumentativo, como um meio de contribuir para que as ideias tenham força de representação. No texto “A questão da natureza humana”, para expressar uma tendência atual a rever o pensamento ocidental sobre a essência humana, faz-se uso da metáfora no trecho:
- (A) “A ideia de que não só somos inerentemente egoístas, mas também que a agressividade e a hostilidade fazem parte da natureza humana essencial domina nossa cultura há séculos. Naturalmente, ao longo da história houve um bom número de pessoas com opinião contrária.” (linhas 4 a 7)
 - (B) “Nos últimos anos, porém, a maré parece estar se voltando contra essa visão profundamente pessimista da humanidade, aproximando-se mais da percepção do Dalai-Lama da brandura e da compaixão da nossa natureza latente.” (linhas 24 a 26)
 - (C) “Ao longo das duas ou três últimas décadas do século passado, houve literalmente centenas de estudos científicos que indicaram que a agressividade não é essencialmente inata e que o comportamento violento é influenciado por uma variedade de fatores biológicos, sociais, situacionais e ambientais.” (linhas 26 a 29)
 - (D) “Estudiosos como C. Daniel Batson ou Nancy Eisenberg, da Arizona State University, realizaram numerosas pesquisas que demonstraram que os seres humanos têm uma tendência ao comportamento altruísta.” (linhas 40 a 42)
 - (E) “Também a dra. Wilson, ao examinar cem catástrofes naturais, descobriu forte padrão de altruísmo entre as vítimas [...]. Descobriu que o trabalho conjunto para ajudar uns aos outros costumava afastar a possibilidade de problemas psicológicos no futuro.” (linhas 42 a 45).
- 5** Na construção de um texto expositivo-argumentativo, é natural que se apresente **contraposição de ideias**, como se vê no texto “A questão da natureza humana”. Exemplificam a ocorrência desse tipo de relação semântico-discursiva os segmentos transcritos abaixo, **exceto** o que se transcreve na alternativa
- (A) “A ideia de que não só somos inerentemente egoístas, mas também que a agressividade e a hostilidade fazem parte da natureza humana essencial domina nossa cultura há séculos.” (linhas 4 a 6)
 - (B) “E um século depois, até mesmo Charles Darwin atribuiu um ‘instinto de solidariedade’ à nossa espécie. No entanto, por algum motivo, a visão mais pessimista da humanidade está arraigada na nossa cultura (...)” (linhas 8 a 10)
 - (C) “Nos últimos anos, porém, a maré parece estar se voltando contra essa visão profundamente pessimista da humanidade...”. (linhas 24 e 25)
 - (D) “Nesse texto, eles naturalmente reconheceram que o comportamento violento ocorre, sim, mas afirmaram categoricamente que é incorreto em termos científicos dizer que temos uma tendência herdada para entrar em guerras ou para agir com violência.” (linhas 31 a 33)
 - (E) “Disseram que, apesar de termos um sistema neural necessário para agir com violência, esse comportamento em si não é ativado de modo automático.” (linhas 34 e 35)
- 6** O enunciado em que, pelo emprego de um modalizador, é feita uma afirmação categórica sobre a natureza humana é:
- (A) “A noção de que o comportamento humano é essencialmente egocêntrico, de que no fundo é mesmo cada um por si, está profundamente enraizada no pensamento ocidental.” (linhas 2 a 4)
 - (B) “Naturalmente, ao longo da história houve um bom número de pessoas com opinião contrária. Por exemplo, em meados do século XVIII, David Hume escreveu sobre a ‘benevolência natural’ dos seres humanos”. (linhas 6 a 8).
 - (C) “No entanto, por algum motivo, a visão mais pessimista da humanidade está arraigada na nossa cultura, pelo menos desde o século XVII, sob a influência de filósofos como Thomas Hobbes.” (linhas 9 a 11)
 - (D) “Ele [Thomas Hobbes] considerava a humanidade violenta, competitiva, em constante conflito e preocupada apenas com interesses pessoais.” (linhas 11 e 12)
 - (E) “Pesquisadores contemporâneos refutam a ideia da agressividade inata da humanidade. Não só isso, mas a ideia de que os seres humanos têm um egoísmo inato também está sofrendo ataque.” (linhas 39 e 40)



- 7 Quanto ao emprego dos sinais de pontuação, é **incorreto** afirmar:
- (A) Em “(...) David Hume escreveu sobre a ‘benevolência natural’ dos seres humanos. E um século depois, até mesmo Charles Darwin atribuiu um ‘instinto de solidariedade’ à nossa espécie.”, as aspas (simples) colocam em destaque a percepção de estudiosos sobre a natureza humana. (linhas 7 a 9)
 - (B) Em “Hobbes, que era famoso por descartar qualquer ideia de uma bondade humana essencial, foi uma vez flagrado dando esmola a um mendigo na rua. Quando questionado a respeito desse impulso generoso, ele alegou não estar fazendo aquilo para ajudar o mendigo; estava só aliviando sua própria consternação diante da pobreza do homem.”, as duas primeiras vírgulas separam uma expressão de valor explicativo, que concorre para facilitar acesso a informações do texto. (linhas 13 a 16)
 - (C) No trecho, “Nos últimos anos, porém, a maré parece estar se voltando contra essa visão profundamente pessimista da humanidade, aproximando-se mais da percepção do Dalai-Lama da brandura e da compaixão da nossa natureza latente”, seria também gramaticalmente correto usar ponto (em lugar da vírgula) após a palavra “humanidade”. (linhas 24 a 26)
 - (D) No trecho, “Disseram que, apesar de termos um sistema neural necessário para agir com violência, esse comportamento em si não é ativado de modo automático”, a vírgula é necessária por indicar o deslocamento de um termo dentro da frase. (linhas 34 e 35)
 - (E) Expressões como “ou seja” anunciam uma explicação, por isso aparecem seguidas de pausa na fala e, conseqüentemente, de vírgula na escrita, como se confirma pelo trecho “Determinadas áreas do cérebro são especialmente devotadas ao potencial para a linguagem. Se formos expostos às condições ambientais adequadas, ou seja, a uma sociedade que fala, essas áreas distintas do cérebro começam a se desenvolver e a amadurecer à medida que nossa capacidade para a linguagem for crescendo”. (linhas 48 a 52)
- 8 Um exemplo de progressão do texto com recorrência de **paralelismo gramatical** (recurso importante na enumeração de ideias) é o que se apresenta no trecho
- (A) “Por exemplo, em meados do século XVIII, David Hume escreveu muito sobre a ‘benevolência natural’ dos seres humanos. E um século depois, até mesmo Charles Darwin atribuiu um ‘instinto de solidariedade’ à nossa espécie. No entanto, por algum motivo, a visão mais pessimista da humanidade está arraigada na nossa cultura [...]” (linhas 7 a 10)
 - (B) “Depois de aceitar a premissa do nosso egocentrismo essencial, uma série de cientistas proeminentes, ao longo dos últimos cem anos, acrescentou a ela uma crença na natureza agressiva essencial dos humanos.” (linhas 17 a 19)
 - (C) “Nos últimos anos, porém, a maré parece estar se voltando contra essa visão profundamente pessimista da humanidade, aproximando-se mais da percepção do Dalai-Lama da brandura e compaixão da nossa natureza latente.” (linhas 24 a 26)
 - (D) “Se formos expostos às condições ambientais adequadas, ou seja, a uma sociedade que fala, essas áreas distintas do cérebro começam a se desenvolver e a amadurecer à medida que nossa capacidade para a linguagem for crescendo. Da mesma forma, todos os seres humanos podem ter como dom natural a ‘semente da compaixão.’” (linhas 49 a 53)
 - (E) “Já identificaram alguns fatores: ter pais capazes de moderar suas próprias emoções, que sejam modelos de comportamento atencioso, que estabeleçam limites adequados para o comportamento dos filhos, que comuniquem à criança que ela é responsável pelo próprio comportamento e que usem a argumentação para ajudar a direcionar a atenção da criança para estados emocionais ou afetivos [...]” (linhas 56 a 60)
- 9 A alternativa em que a omissão da(s) vírgula(s) determinaria ambiguidade no sentido do enunciado é
- (A) “Ao longo das últimas décadas, a concepção de Dalai-Lama da natureza compassiva dos seres humanos parece estar aos poucos ganhando terreno no Ocidente (...)” (linhas 1 e 2)
 - (B) “Depois de aceitar a premissa do nosso egocentrismo essencial, uma série de cientistas proeminentes, ao longo dos últimos cem anos, acrescentou a ela uma crença na natureza agressiva essencial dos humanos.” (linhas 17 a 19)
 - (C) “Na segunda metade do século passado, os pesquisadores Robert Ardrey e Konrad Lorenz observaram padrões de comportamento animal em certas espécies de predadores e concluíram que os seres humanos eram basicamente predadores.” (linhas 20 a 22)
 - (D) “Nesse texto, eles naturalmente reconheceram que o comportamento violento ocorre, sim, mas afirmaram categoricamente que é incorreto em termos científicos dizer que temos uma tendência herdada para entrar em guerras ou para agir com violência.” (linhas 31 a 33)
 - (E) “Com essa ideia na mente, pesquisadores estão agora procurando descobrir as condições ambientais ótimas que permitam que a semente da atenção e compaixão pelos outros amadureça em crianças.” (linhas 54 a 56)



- 10** O trecho em cuja reescritura se apresenta outra possibilidade de concordância verbal, também de acordo com a norma culta da língua portuguesa, é o da alternativa
- (A) “A ideia de que não só somos inerentemente egoístas, mas também que a agressividade e a hostilidade fazem parte da natureza humana essencial domina nossa cultura há séculos.” – A ideia de que não só somos inerentemente egoístas, mas também que a agressividade e a hostilidade fazem parte da natureza humana essencial domina nossa cultura **fazem séculos**. (linhas 4 a 6)
- (B) “Depois de aceitar a premissa do nosso egocentrismo essencial, uma série de cientistas proeminentes, ao longo dos últimos cem anos, acrescentou a ela uma crença na natureza agressiva essencial dos humanos.” – Depois de **aceitarem** a premissa do nosso egocentrismo essencial, **uma série de cientistas** proeminentes, ao longo dos últimos cem anos, acrescentaram a ela uma crença na natureza agressiva essencial dos humanos. (linhas 17 a 19)
- (C) “Ao longo das duas ou três últimas décadas do século passado, houve literalmente centenas de estudos científicos que indicaram que a agressividade não é essencialmente inata (...).” – Ao longo das duas ou três últimas décadas do século passado, **surgiu literalmente centenas de estudos científicos** que indicaram que a agressividade não é essencialmente inata (...). (linhas 26 e 27)
- (D) “Estudiosos como C. Daniel Batson ou Nancy Eisenberg, da Arizona State University, realizaram numerosas pesquisas que demonstraram que os seres humanos têm uma tendência ao comportamento altruísta.” – Estudiosos como C. Daniel Batson ou Nancy Eisenberg, da Arizona State University, realizaram numerosas pesquisas que demonstraram que **os seres humanos dispõe** de uma tendência ao comportamento altruísta. (linhas 40 a 42)
- (E) “Com essa ideia na mente, pesquisadores estão agora procurando descobrir as condições ambientais ótimas que permitam que a semente da atenção e compaixão pelos outros amadureça em crianças.” – Com essa ideia na mente, pesquisadores estão agora procurando descobrir as condições ambientais ótimas que permitam que **a semente da atenção e compaixão pelos outros amadureçam em crianças**. (linhas 54 a 56)

LITERATURA

- 11** Na lírica de Gregório de Matos Guerra (c. 1633-1696), sobressai, entre outros temas caros ao Barroco, o sentido de efemeridade da vida humana, como se constata em
- (A) “Nasce o Sol, e não dura mais que um dia, / Depois da Luz se segue a noite escura, / Em tristes sombras morre a formosura, / Em contínuas tristezas a alegria.”
- (B) “Em cada porta um frequentado olheiro, / Que a vida do vizinho, e da vizinha / Pesquisa, escuta, espreita, e esquadrinha, / Para a levar à Praça, e ao Terreiro.”
- (C) “Quando Deus redimiu da tirania / Da mão do Faraó endurecido / O Povo Hebreu amado e esclarecido, / Páscoa ficou da redenção o dia.”
- (D) “Hoje é melhor ter mina, que ter fama, / Que no tesouro se acha a nobre empresa, / Porque onde se idolatra só riqueza, / A glória dos progressos nada clama.”
- (E) “Nasces, Infanta bela, e com ventura / Tão desigual a toda a gentileza, / Que vencendo o poder da natureza, / Venturosa fizeste à formosura.”
- 12** Entre os excertos de Cláudio Manuel da Costa (1729-1789), assinale aquele em que fica evidenciado o pastoralismo, típico da poesia árcade.
- (A) “Ah se ao menos teu nome ouvir pudera / Entre esta aura suave, que respira! / Nise, cuido, que diz; mas é mentira. / Nise, cuidei que ouvia; e tal não era.”
- (B) “Sonha em torrentes d’água, o que abrasado / Na sede ardente está; sonha em riqueza / Aquele, que no horror de uma pobreza / Anda sempre infeliz, sempre vexado.”
- (C) “Que bem é ver nos campos transladado / No gênio do pastor, o da inocência! / E que mal é no trato, e na aparência / Ver sempre o cortesão dissimulado!”
- (D) “Tu sonora corrente, fonte pura, / Testemunha fiel da minha pena, / Sabe, que a sempre dura, e ingrata Almena / Contra o meu rendimento se conjura.”
- (E) “Toda a mortal fadiga adormecia / No silêncio, que a noite convidava; / Nada o sono suavíssimo alterava / Na muda confusão da sombra fria.”



13 Leiam-se fragmentos do poema “Deprecação”, de Gonçalves Dias (1823-1864):

Anhangá impiedoso nos trouxe de longe
Os homens que o raio manejam cruentos,
Que vivem sem pátria, que vagam sem tino
Trás [Atrás] do ouro correndo, voraces [vorazes], sedentos. [...]

Teus filhos valentes, temidos na guerra,
No albor [alvorecer] da manhã quão fortes que os vi!
A morte pousava nas plumas da frecha,
No gume da maça, no arco Tupi!

E hoje em que apenas a enchente do rio
Cem vezes hei visto crescer e baixar...
Já restam bem poucos dos teus, qu'inda [ainda] possam
Dos seus, que já dormem, os ossos levar.

Teus filhos valentes causavam terror,
Teus filhos enchiam as bordas do mar,
As ondas coalhavam de estreitas igaras,
De frechas cobrindo os espaços do ar.

Já hoje não caçam nas matas frondosas
A corça ligeira, o trombudo quati...
A morte pousava nas plumas da frecha,
No gume da maça, no arco Tupi!
(DIAS, Gonçalves. *Poesia e Prosa Completas*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. p. 114)

Acerca do poema “Deprecação”, é correto afirmar:

- (A) Os excertos retratam o contraste entre o passado guerreiro do índio (“temidos na guerra”) e o abandono de práticas tradicionais como a caça (“Já hoje não caçam...”).
- (B) O excerto indica o apogeu da representação do índio como herói nacional, dado o uso do imperfeito “causavam”, “enchiam”, “coalhavam”, etc.
- (C) Os termos indígenas (“Anhangá”, “frecha”, “igaras”, “arco”, “plumas”, etc.), segundo o excerto, devem ser revistos, por dificultarem a compreensão do texto pelo leitor.
- (D) A referência a raio, em “Os homens que o raio manejam cruentos”, indica que a mudança na vida dos indígenas é atribuída a uma invasão de outra tribo.
- (E) O trecho “As ondas coalhavam de estreitas igaras, / De frechas cobrindo os espaços do ar” traz um exemplo da forma de alimentação indígena.

14 Alfredo Bosi sintetiza a ficção machadiana nos seguintes termos: “[Machado de Assis] está na verdade operando, no coração de uma linguagem feita de lugares-comuns, uma ruptura extremamente fecunda, pois, roída a casca dos hábitos expressivos, o que sobrevém é uma nova forma de dizer a relação do homem com o outro e consigo mesmo.”

(*História concisa da Literatura Brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1988. p. 201).

Um exemplo da “nova forma de dizer a relação do homem com o outro”, marcada pela contraposição do Romantismo ao Realismo, é

- (A) “A família do conselheiro compunha-se de duas pessoas: um filho, o dr. Estácio, e uma irmã, d. Úrsula. Contava esta cinquenta e poucos anos; era solteira; vivera sempre com o irmão, cuja casa dirigia desde o falecimento da cunhada.”
- (B) “Se antes de casar, laiá possuía o abecedário da elegância, depressa aprendeu a prosódia e a sintaxe; afez-se a todos os requintes da urbanidade, com a presteza de um espírito sagaz e penetrante.”
- (C) “Melchior aprovou a ideia do mancebo [jovem]; e não lhe disse que o remédio viria talvez tarde, se viesse. Estácio ordenou as coisas para a seguinte manhã. Voltaram à alcova da enferma [Helená]. Esta fechara os olhos, como se dormisse.”
- (D) “Luís Garcia era funcionário público. Desde 1860 elegera no lugar menos povoado de Santa Teresa uma habitação modesta, onde se meteu a si e a sua viuvez. Não era frade, mas queria como eles a solidão e o sossego.”
- (E) “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos réis; nada menos. Meu pai, logo que teve aragem dos onze contos, sobressaltou-se deveras; achou que o caso excedia as raias de um capricho juvenil.”



15 Leia-se o texto “A mulher” (1886), do educador e poeta paraense Vilhena Alves (1847-1912):

Como é bela a missão da mulher sobre a terra!

Ao contrário do que sucedia em outras épocas, em que era ela considerada escrava do homem, hoje ocupa o seu verdadeiro lugar e reina como soberana. [...]

Quando ainda virgem, e no seio do lar paterno, é a alegria, o enlevo, o orgulho e a vida de seus progenitores, o objeto de suas adorações, o ídolo a quem votam todos os cultos. É quem lhes adoça as amarguras da vida, fazendo-os sorrir quando têm muitas vezes o coração ansioso de desgostos.

Como esposa e mãe, é o anjo do lar, a compartilhadora das alegrias e tristezas do esposo, e a educadora dos filhos, que só dela hão de receber os germens do seu futuro destino. [...]

Não simpatizamos nada com as *mulheres doutoras*, apesar de sermos um idólatra da ciência. Não queremos com isto dizer que se deve conservar a mulher na ignorância, e sim que o seu grau de instrução seja adequado ao meio em que vive, às necessidades do seu viver social. De que serve, com efeito, a uma moça pobre o estudo das ciências e das belas-artes, se desconhece os princípios rudimentares da economia doméstica? Do que lhe serve saber dizer algumas palavras em francês, inglês ou alemão, — para ilusão dos ingênuos unicamente,— se não consegue sequer escrever um bilhete em língua vernácula, que não venha repleto de erros de sintaxe e ortografia? [...]

É uma lástima ver senhoras a ler romances, a tocar piano e a luxar nos bailes, enquanto os filhos choram à míngua dos afagos maternos, e o esposo mata-se a trabalhar sem descanso para manter a família com a precisa dignidade!

Não: não é essa a missão da mulher! Não é assim que ela deve proceder para reinar como soberana nos corações! Não é por essa forma que ela há de ser acatada, respeitada e considerada por todos como o “remate e epílogo da criação”.

(ALVES, Francisco Ferreira de Vilhena. *Miscelânea literária*. Belém: R. L. Bittencourt, [19--]. p. 5-9)

Acerca do texto de Vilhena Alves, considerando que se trata de um documento do século XIX, é correto afirmar:

- (A) O autor faz a defesa da ideia de que a educação formal das mulheres deve limitar-se à Língua Portuguesa e à Economia doméstica, independentemente do meio em que estas vivem.
- (B) O texto denuncia a condição da mulher em uma sociedade patriarcal, que lhe nega a plena participação política.
- (C) Vilhena Alves ressalta a “missão” educadora da mulher, devendo esta ser a única “educadora dos filhos, que só dela hão de receber os germens do seu futuro destino.”
- (D) Independentemente do sexo do aprendente, a proposta pedagógica contida no excerto está sintetizada no trecho: “o seu grau de instrução seja adequado ao meio em que vive, às necessidades do seu viver social.”
- (E) A leitura feminina, especificamente de romances, é vista como uma prática que afasta a mulher de suas atividades de mãe: “É uma lástima ver senhoras a ler romances, a tocar piano e a luxar nos bailes, enquanto os filhos choram à míngua dos afagos maternos”.

16 Entre os fragmentos de Cruz e Sousa (1861-1898), assinale aquele em que a sinestesia segue a estética simbolista, a expressar estados vagos e indefinidos.

- (A) “Ó Cristos de ouro, de marfim, de prata, / Cristos ideais, serenos, luminosos, / Ensanguentados Cristos dolorosos / Cujas cabeça a Dor e a Luz retrata.”
- (B) “Torva Babel das lágrimas, dos gritos, / Dos soluços, dos ais, dos longos brados, / A Dor galgou os mundos ignorados, / Os mais remotos, vagos infinitos.”
- (C) “Tantas guerras bizarras e incoercíveis / No tempo e tanto, tanto imenso afeto, / São para vós menos que um verme e inseto / Na corrente vital pouco sensíveis.”
- (D) “Carnais, sejam carnavais tantos desejos, / Carnais, sejam carnavais tantos anseios, / Palpitações e frêmitos e enleios, / Das harpas da emoção tantos arpejos.”
- (E) “Indefiníveis músicas supremas, / Harmonias da Cor e do Perfume... / Horas do Ocaso, trêmulas, extremas, / Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume.”



- 17** Leia-se o poema de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa (1888-1935), a seguir transcrito, e assinale a alternativa correta quanto à interpretação do texto.

O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,

E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...

Creio no mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender...
O Mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...
Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe por que ama, nem o que é amar...

Amar é a eterna inocência,
E a única inocência não pensar...
(PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. 3. ed. Rio de Janeiro:
Nova Aguilar, 1986. p. 204-205)

- (A) O primeiro verso do poema evidencia a importância que Caeiro atribui à cor como elemento poético.
(B) Segundo o poema, pensar permite compreender as relações afetivas inerentes ao ser humano.
(C) Adotando uma postura naturalista, o eu lírico sente-se “nascido a cada momento / Para a eterna novidade do Mundo.”
(D) O eu lírico desqualifica o pensamento em relação à evidência do olhar, ao identificar “pensar” com “estar doente dos olhos”.
(E) O eu lírico defende o pasmo essencial da criança diante do mundo como única forma de saber o que é a natureza.



18 Leia-se o excerto de “Negrinha”, de Monteiro Lobato (1882-1948):

Assim cresceu Negrinha — magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados. Órfã aos quatro anos, por ali ficou feito gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a ideia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. Aprendeu a andar, mas quase não andava. Com pretexto de que às soltas reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão da porta. [...] Que ideia faria de si essa criança que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata choca, pinto gorado, mosca morta, sujeira, bisco, trapo, cachorrinha, coisa ruim, lixo — não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam. [...] Estava escrito que não teria um gostinho só na vida — nem esse de personalizar a peste... O corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa todos os dias, houvesse ou não houvesse motivo. Sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que o ímã exerce para o aço. Mão em cujos nós de dedos comichasse um cocre, era mão que se descarregaria dos fluidos em sua cabeça. De passagem. Coisa de rir e ver a careta... [...] A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos — e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo — essa indecência de negro igual a branco e qualquer coisinha: a polícia! “Qualquer coisinha”: uma mucama assada ao forno porque se engraçou dela o senhor; uma novena de relho [chicote] porque disse: “Como é ruim, a sinhá!”... [...] O 13 de Maio tirou-lhe das mãos o azorrague, mas não lhe tirou da alma a gana. Conservava Negrinha em casa como remédio para os frenesis. Inocente derivativo.

(LOBATO, Monteiro. “Negrinha”. In: *Negrinha*. São Paulo: Brasiliense, 1951. p. 4-5)

Quanto à leitura do excerto, é correto afirmar:

- (A) O narrador do conto legitima o uso de violência física contra Negrinha, sob o pretexto de que dona Inácia “vinha da escravidão, fora senhora de escravos — e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau.”
- (B) O descuido de Negrinha em relação aos afazeres domésticos era severamente punido: “O corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa todos os dias.”
- (C) O excerto, além da violência física, retrata o desamparo afetivo em que vivia Negrinha: “Que ideia faria de si essa criança que nunca ouvira uma palavra de carinho?”
- (D) O narrador denuncia que não houve mudança nenhuma na vida dos negros, após a aprovação da Lei Áurea: “O 13 de Maio tirou-lhe das mãos o azorrague, mas não lhe tirou da alma a gana.”
- (E) No excerto, a descrição de Negrinha (“magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados. Órfã aos quatro anos.”) serve de denúncia contra o trabalho escravo.

19 Segundo a crítica especializada, “a poética de *Libertinagem* mantém-se viva nas obras maduras de [Manuel] Bandeira, onde não raro um ardente sopro amoroso envolve as imagens femininas, deixando-as, porém, intactas e nimbadadas de uma alta e religiosa solitude”

(BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1988. p. 411).

Exemplo desse “ardente sopro amoroso” é a seguinte alternativa:

- (A) “— Quem me busca a esta hora tardia? / — Sou teu vale, zéfiro, e aguardo / Teu hálito... A noite é tão fria! / — Meu hálito não, meu bafejo, / Meu calor, meu túrgido dardo.”
- (B) “Uns tomam éter, outros cocaína. / Eu já tomei tristeza, hoje tomo alegria. / Tenho todos os motivos menos um de ser triste. / Mas o cálculo das probabilidades é uma pilhéria.”
- (C) “Quero antes o lirismo dos loucos / O lirismo dos bêbedos / O lirismo difícil e pungente dos bêbedos / O lirismo dos *clowns* de Shakespeare.”
- (D) “Nada de nós te interessava agora / Calavas sereno e grave / Como no fundo foste sempre / Sob as fantasias verbais enormes / Que faziam rir os teus amigos e / Punham bondade no coração dos maus.”
- (E) “Não gritava. Tranquilo em sua espera, / Não se apressava. O que é que pretendia? / Fazer o bem aos outros, e o fazia: / Pelos que amava tudo, e a vida, dera.”



- 20** Leia-se um excerto do conto “As margens da alegria” (grafia do autor), de Guimarães Rosa (1908-1967):

Esta é a estória. Ia um menino, com os Tios, passar dias no lugar onde se construía a grande cidade. Era uma viagem inventada no feliz; para ele, produzia-se em caso de sonho. Saíam ainda com o escuro, o ar fino de cheiros desconhecidos. A Mãe e o Pai vinham trazê-lo ao aeroporto. A Tia e o Tio tomavam conta dele, justinamente. Sorria-se, saudava-se, todos se ouviam e falavam. O avião era da Companhia, especial, de quatro lugares. Respondiam-lhe a todas as perguntas, até o piloto conversou com ele. O vôo ia ser pouco mais de duas horas. O menino fremia no acorção, alegre de se rir para si, confortavelzinho, com um jeito de folha a cair. A vida podia às vezes raiar numa verdade extraordinária. Mesmo o afivelarem-lhe o cinto de segurança virava forte afago, de proteção, e logo novo senso de esperança: ao não-sabido, ao mais. Assim um crescer e descontrer-se — certo como o ato de respirar — o de fugir para o espaço em branco. O Menino. E as coisas vinham docemente de repente, seguindo harmonia prévia, benfazeja, em movimentos concordantes: as satisfações antes da consciência das necessidades. Davam-lhe balas, chicles, à escolha. Solícito de bem-humorado, o Tio ensinava-lhe como era reclinável o assento — bastando a gente premer manivela. Seu lugar era o da janelinha, para o móvel mundo. Entregavam-lhe revistas, de folhear, quantas quisesse, até um mapa, nele mostravam os pontos em que ora e ora se estava, por cima de onde. O Menino deixava-as, fartamente, sôbre os joelhos, e espiava: as nuvens de amontoadas amabilidade, o azul de só ar, aquela claridade à larga, o chão plano em visão cartográfica, repartido de roças e campos, o verde que se ia a amarelos e vermelhos e a pardo e a verde; e, além, baixa, a montanha. Se homens, meninos, cavalos e bois — assim insetos? Voavam supremamente. O Menino, agora, vivia; sua alegria despedindo todos os raios. Sentava-se, inteiro, dentro do macio rumor do avião: o bom brinquedo trabalhoso. Ainda nem notara que, de fato, teria vontade de comer, quando a Tia já lhe oferecia sanduíches. E prometia-lhe o Tio as muitas coisas que ia brincar e ver, e fazer e passear, tanto que chegassem. O Menino tinha tudo de uma vez, e nada, ante a mente. A luz e a longa-longa-longa nuvem. Chegavam.

(ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962. p. 3-4)

De acordo com a leitura do excerto, é correto afirmar:

- (A) O trecho “A vida podia às vezes raiar numa verdade extraordinária” diz respeito a uma circunstância puramente externa e atmosférica.
- (B) No trecho “Sentava-se, inteiro, dentro do macio rumor do avião: o bom brinquedo trabalhoso”, a sinestesia (“macio rumor”) assinala a impregnação da prosa pela poesia.
- (C) O Menino, diante da indiferença dos Tios, refugia-se em sua imaginação, fremindo “no acorção, alegre de se rir para si, confortavelzinho, com um jeito de folha a cair.”
- (D) A passagem “E as coisas vinham docemente de repente, seguindo harmonia prévia” refere-se à aproximação do avião em direção à “grande cidade”.
- (E) O foco narrativo em primeira pessoa permite uma identificação afetiva entre o Menino e o narrador adulto.

FILOSOFIA

- 21** Hume, em sua obra *Investigações sobre o entendimento humano*, ao analisar os objetos da razão humana divide-os em dois tipos: relações de ideias e questões de fato. Sobre estas últimas (as questões de fato) é correto afirmar que
- (A) trata-se de toda afirmação que é intuitiva ou demonstrativamente certa.
 - (B) são juízos analíticos, por isso só podem ser conhecidas por meio da experiência.
 - (C) dizem respeito a evidências que não nos dão garantia quanto à existência efetiva das coisas.
 - (D) o contrário de toda questão de fato permanece sempre possível, porque não pode jamais implicar contradição.
 - (E) trata-se de enunciados *a priori* que são confirmados pela experiência.
- 22** Na obra *Tractatus*, Wittgenstein desenvolveu uma sofisticada teoria acerca da relação entre linguagem e mundo, que sintetizou e modificou as visões de Frege e Russell. De acordo com essa teoria, é correto afirmar que
- (A) as sentenças e nomes têm tanto sentido quanto valor semântico.
 - (B) somente as proposições têm sentido e é somente em conexão com uma proposição que um nome tem significado.
 - (C) o significado de um enunciado consiste no seu método de verificação.
 - (D) as expressões conceituais têm sentido e referência.
 - (E) os nomes isoladamente têm significado por apontarem para objetos com os quais nós temos direta familiaridade.



- 23** “A questão de saber se as inferências indutivas se justificam e em condições é conhecida como o *problema da indução*”

(POPPER, *A Lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix, 1972, p. 28).

Para Popper, a indução se constitui em um problema porque

- (A) a tarefa de induzir alguém a aceitar algo não é fácil, na medida em que envolve a persuasão e certas condições psicológicas.
- (B) não é possível se fazer previsões com base nas leis universais obtidas indutivamente.
- (C) requer um número muito grande de observações para justificar a conclusão universal.
- (D) as inferências indutivas partem de certas hipóteses universais, que são válidas *a priori*, e não dos próprios fatos dados à observação.
- (E) não há justificativa lógica no inferir enunciados universais de enunciados singulares.

- 24** “Em termos filosóficos modernos, fala-se que Maquiavel teria sido o descobridor da política como categoria independente, distinta da moral e da religião, o divulgador da autonomia da política, da política não como moral nem como imoral, mas como amoral. De qualquer maneira é certo que Maquiavel nos ensinou a julgar as ações do príncipe segundo a vantagem que oferece para o Estado, e não segundo seu valor moral”.

(BOBIO, N. *Direito e estado no pensamento de Emanuel Kant*. São Paulo: Mandarim, 2000, p. 21/22).

Para o autor, a política em Maquiavel seria amoral porque

- I independe da moral, pois o que interessa ao político não é saber se a ação é moralmente boa ou má, mas sim se está em conformidade aos fins da conquista e da manutenção do Estado.
- II está acima da moral na medida em que a ação política visa não ao bem individual, mas sim ao bem coletivo.
- III a esfera da política é autônoma com respeito à esfera da moral e a ação do estadista não pode ser julgada com base nas normas que regem esta última e com as quais se julga a ação do homem comum.
- IV a ação do príncipe é norteadada não por uma moral, mas sim por um poder superior, por isso é louvável que ele mantenha a fé e viva com integridade e não com astúcia.

Estão corretos os enunciados

- (A) I e II, somente.
- (B) I e III, somente.
- (C) III e IV, somente.
- (D) I, II e III, somente.
- (E) II, III e IV, somente.

- 25** “Se, com efeito, a existência precede a essência, não será nunca possível referir uma explicação a uma natureza dada e imutável; por outras palavras, não há determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. (...). Assim, não temos nem atrás de nós, nem diante de nós, no domínio luminoso dos valores, justificações ou desculpas. Estamos sós e sem desculpas. É o que traduzirei dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre porque, uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer.”

(SARTRE, J. P. *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Abril cultural, 1978, p. 9).

Sobre a liberdade, para Sartre, considere os enunciados abaixo.

- I Esta não provém de uma escolha voluntária e sim do desenvolvimento espontâneo da natureza racional do agente.
- II Trata-se de uma liberdade absoluta e a responsabilidade que, conseqüentemente, ele atribui ao homem é total.
- III Ela não é o arbítrio ou o capricho momentâneo do indivíduo, pois radica na mais íntima estrutura da existência, nesse sentido se identifica com a própria existência.
- IV Opõe-se ao determinismo, na medida em que é o próprio homem que constrói os valores que irão orientar suas escolhas.

Estão corretos os enunciados

- (A) I e II, somente.
- (B) I e III, somente.
- (C) II e IV, somente.
- (D) I, II e III, somente.
- (E) II, III e IV, somente.



- 26** “É possível que as premissas responsáveis pela produção do silogismo sejam ambas verdadeiras, ou ambas falsas, ou uma verdadeira e a outra falsa. A conclusão, entretanto, é necessariamente verdadeira ou falsa. Ora, é impossível se tirar uma conclusão falsa de premissas verdadeiras, mas é possível tirar uma conclusão verdadeira de premissas falsas.”

(Aristóteles, *Órganon*. Bauru/São Paulo: Edipro, 2005, p. 200/2001).

Com base nessas considerações de Aristóteles acerca da validade de um argumento silogístico, analise o seguinte argumento.

1. Todo artista é um ser criativo
 2. Botero é um artista
- Logo, Botero é um ser criativo.

Se admitir-se que as premissas 1 e 2 são verdadeiras, é correto afirmar acerca da conclusão que

- (A) é necessariamente verdadeira.
- (B) é provavelmente verdadeira.
- (C) é possível que seja falsa.
- (D) não é possível se determinar o seu valor de verdade.
- (E) é necessariamente verdadeira ou falsa.

- 27** “As ciências hermenêuticas estão embutidas nas interações mediatizadas pela linguagem ordinária, da mesma maneira como as ciências empírico-analíticas estão inseridas no setor da atividade instrumental. Tanto uma quanto outra deixam-se orientar por interesses cognitivos, enraizados nas conexões vitais do agir, próprio à comunicação e à instrumentalização”

(HABERMAS, J. *Conhecimento e interesse*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1982, p. 186).

Sobre o interesse cognitivo que orienta as ciências histórico-hermenêuticas, é correto afirmar que

- (A) visa à emancipação dos seres humanos de qualquer sistema de dominação.
- (B) está relacionado à previsão e ao controle dos acontecimentos.
- (C) é de natureza prática e visa à compreensão ou interpretação do sentido.
- (D) tem um valor técnico, na medida em que a técnica atua como guia central da valorização da informação produzida.
- (E) tem caráter ideológico, pois as ciências do homem são condicionadas pelo ponto de vista de classe.

- 28** “O valor moral da ação não reside, portanto, no efeito que dela se espera; também não reside em qualquer princípio da ação que precise de pedir o seu móbil a este efeito esperado. Pois todos esses efeitos (...) podiam também ser alcançados por outras causas, e não se precisava portanto para tal da vontade de um ser racional, na qual vontade - e só nela - se pode encontrar o bem supremo e incondicionado”

(KANT, I. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. São Paulo: Abril cultural, 1980, p. 115).

Sobre o valor moral da ação, para Kant, é correto afirmar que

- (A) depende de certas inclinações e do interesse da pessoa de querer praticar o bem.
- (B) o fim pretendido com a ação deve ser subjetivo, ou seja, o bem do indivíduo.
- (C) encontra-se no próprio ser racional que age segundo a lei que lhe ordena incondicionalmente o cumprimento do dever.
- (D) tal valor está em promover a própria felicidade ou o bem-estar dos outros.
- (E) a ação é moralmente boa quando praticada conforme o dever.



- 29** “Parece haver duas causas, e ambas devidas à nossa natureza, que deram origem à poesia. A tendência para a imitação é instintiva no homem, desde a infância. Neste ponto distingue-se de todos os outros seres, por sua aptidão muito desenvolvida para a imitação. Pela imitação adquire seus primeiros conhecimentos, por ela todos experimentam prazer. A prova é-nos visivelmente fornecida pelos fatos: objetos reais que não conseguimos olhar sem custo, contemplamo-los com satisfação em suas imagens mais exatas; é o caso dos mais repugnantes animais ferozes e dos cadáveres. A causa é que a aquisição de conhecimento arrebatava não só o filósofo, mas todos os seres humanos, mesmo que não saboreiem durante muito tempo essa satisfação.”

(ARISTÓTELES, *Arte retórica e arte poética*. São Paulo, Difusão Européia do livro, 1964, p. 274).

Sobre a mimésis artística, para Aristóteles, considere os enunciados seguintes.

- I É um prolongamento de uma tendência natural aos homens, a tendência para imitar.
- II O prazer proporcionado pela mimésis tem uma dupla natureza, em parte intelectual e em parte sensível.
- III O artista imita coisas repugnantes que não nos causam prazer por falta de habilidade e de sensibilidade.
- IV Ela é uma mera tentativa de imitação da aparência da realidade, uma simples cópia.

Estão corretos os enunciados

- (A) I e II, somente.
- (B) II e III, somente.
- (C) III e IV, somente.
- (D) I, II e III, somente.
- (E) II, III e IV, somente.

- 30** “Em sua essência, a obra de arte sempre foi reprodutível (...). Mas, mesmo na reprodução mais perfeita, um elemento está ausente: o aqui e agora da obra de arte, sua existência única, no lugar em que ela se encontra. É nessa existência única, e somente nela, que se desdobra a história da obra. Essa história compreende não apenas as transformações que ela sofreu, com a passagem do tempo, em sua estrutura física, como as relações de propriedade em que ela ingressou (...). O aqui e o agora do original constitui o conteúdo de sua autenticidade, e nela se enraíza uma tradição que identifica esse objeto, até os nossos dias, como sendo aquele objeto sempre igual e idêntico a si mesmo”.

(BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura* - Obras escolhidas, São Paulo: Editora Brasiliense, 1986, v. I, p. 167).

Sobre a reprodutibilidade técnica da obra de arte, para Benjamin, considere os enunciados seguintes.

- I A autenticidade da obra de arte não pode ser reproduzida, pois tal reprodução não consegue levar consigo o testemunho da história gravado no substrato original.
- II A técnica da reprodução retira do domínio da tradição o objeto reproduzido.
- III Ao ser objeto de reprodução, a obra de arte perde sua existência única e passa a ter uma existência serial.
- IV A reprodução técnica de uma obra de arte constitui uma falsificação, pois altera o conteúdo da obra reproduzida.

Estão corretos os enunciados

- (A) I e II, somente.
- (B) I e III, somente.
- (C) II e IV, somente.
- (D) I, II e III, somente.
- (E) I, III e IV, somente.



HISTÓRIA

31 Leia atentamente o trecho abaixo e responda à questão proposta.

“Como se sabe, a palavra ‘*mythos*’ raramente foi empregada por Heródoto (apenas duas vezes). Caracterizar um ‘*logos*’ (narrativa) como ‘*mythos*’ era para ele um meio claro de rejeitá-lo como duvidoso e inconveniente”.
(François Hartog. *Os antigos o passado e o presente*. Brasília: UNB, 2003, p. 37).

O historiador F. Hartog identificou em Heródoto – o “pai da história” – uma comparação entre o mito e o logos. Nessa comparação o mito era

- (A) lógico e racional, já a história era uma narrativa dos grandes feitos dos homens e dos deuses gregos no presente e no passado.
- (B) fantástico e poético, assentado nos costumes e narrativas imemoriais, já a história era uma narrativa lógica e pautada na pesquisa daquilo que ocorreu e poderia ser comprovado.
- (C) folclórico, no qual seres fantásticos e irreais eram homenageados, já a história era a ciência que chegaria ao que realmente aconteceu, sem a interferência dos Deuses e Mitos.
- (D) racional e exato, pois os gregos realmente acreditavam nele e Heródoto o utilizava como narrativa elementar (fonte documental) para a elaboração de sua história.
- (E) poético e frágil em sua narrativa fabulosa, já a história era documentada e bem fundamentada em bases científicas que destruíam o mito e suas falsidades.

32 Leia o trecho abaixo sobre a questão da democracia entre os atenienses antigos e responda à questão proposta.

A antiga palavra grega ‘*Demokratia*’ era ambígua. Significava literalmente “poder das pessoas”. Mas quem eram as pessoas a quem o poder pertencia? Foram todas as pessoas - as “massas”? Ou apenas algumas pessoas - os cidadãos devidamente qualificados? Os usos da palavra grega também podem nos ajudar. Há uma teoria na qual a palavra ‘*demokratia*’ teria sido cunhada pelos inimigos da democracia, membros da elite rica e aristocrática que não gostaram de ser marginalizados pelo rebanho comum, seus inferiores sociais e econômicos. Se essa teoria está correta, notamos que a democracia significou originalmente algo como “governo da máfia” ou “ditadura do proletariado”.

(Trecho adaptado e traduzido de *Paul Cartledge The Democratic Experiment*. BBC History. http://www.bbc.co.uk/history/ancient/greeks/greekdemocracy_01.shtml Acessado em 01.12. 2017).

Conforme o uso da palavra ‘democracia’ entre os antigos atenienses e de acordo com a teoria exposta no trecho acima, na antiguidade grega democracia significava normalmente governo

- (A) do povo, no qual as decisões da maioria – representada no parlamento geral – deveriam ser a expressão das ações dos governos, que se pautavam nos votos da maioria pobre e deixavam de lado as urgências da aristocracia.
- (B) da maioria, incluindo aí todos os moradores (ricos e pobres) de qualquer condição ou classe social e, neste sentido, poderia ser vista como uma “ditadura” do proletariado.
- (C) de todas as gentes moradoras de Atenas, tornando-se assim uma ‘máfia’ na qual proletários e trabalhadores mandavam em uma elite rica e aristocrática que se via em condições pouco favoráveis.
- (D) de todos os cidadãos do sexo masculino em uma organização na qual o voto era livre e direto, porém não permitido aos não livres, estrangeiros e às mulheres.
- (E) do povo livre, incluindo mulheres e pobres de até 14 anos, o que parecia um exagero, já que equiparava sexo, condição financeira e idade, criando uma ditadura.



- 33** O termo "féodal" é antigo em línguas latinas. Em português, segundo o *dicionário Houaiss*, ele teria nascido tardiamente, em 1813, mas sua raiz "feudo" datava do século XIV, significando "terra ou direito, renda concedidos por um senhor a um vassalo em troca de serviços". No século XVIII, Adam Smith – procurando descrever sistemas econômicos – cunhou as formas "governo feudal" e "sistema feudal" em seu livro *Riqueza das Nações* (1776). No século XIX, o adjetivo "feudal" evoluiu para um substantivo: "feudalismo". O termo feudalismo é recente, aparecendo pela primeira vez em português em 1821, em francês em 1823, italiano em 1827, inglês em 1839 e em alemão na segunda metade do século XIX.

Nesta trajetória histórica, a palavra "feudo" transformou-se para "feudal" e finalmente para "feudalismo". Todo este percurso histórico das três palavras construiu uma representação de um mundo feudal que se transformou de um(uma)

- (A) governo de senhores feudais geradores de riquezas econômicas para modelo de exploração escravista dos servos.
- (B) sistema econômico e exploratório dos servos para um sistema capitalista, em que ainda hoje impera o trabalho livre, mesmo que limitado.
- (C) forma de trabalho exploratório servil da terra e sua renda concedidos por um senhor feudal a seus vassalos para torna comunal e proletária.
- (D) forma de trabalho semiescravista (de vassalagem) para outra de trabalho livre e socializado (riqueza das Nações).
- (E) direito à terra com relações de suserania e vassalagem para o significado de sistema de exploração do trabalho servil.

- 34** Leia o verbete sobre Jean Bossuet na *Enciclopédia Britânica* e responda à questão proposta sobre a teoria do absolutismo na França moderna.

Jacques-Bénigne Bossuet (*1627, Dijon, + 1704, Paris), bispo francês, foi o mais eloquente e influente porta-voz dos direitos da igreja francesa contra a autoridade papal. É lembrado principalmente por suas obras literárias, e por seu fundamental livro dedicado à educação do futuro rei sol. (...) Em 1670 foi nomeado como tutor do delfim, o filho mais velho do rei francês. Bossuet encontrou assim tempo para publicar uma obra contra o protestantismo e para instruir religiosa e moralmente ao delfim. É desta época o surgimento de seu principal trabalho político, a *Política extraída da Sagrada Escritura*, que usa a Bíblia como prova da autoridade divina para o poder dos reis. Com ela, Bossuet ganhou reputação como um grande teórico do absolutismo real.

(Texto adaptado e traduzido. Retirado da Enciclopédia Britânica on line.
Link <https://www.britannica.com/biography/Jacques-Benigne-Bossuet> Acessado em 31.11.2017).

De acordo com o trecho acima e conforme o que se conhece sobre o assunto, a teoria pensada por Bossuet ganhou grande reputação, porque ela foi escrita por um pensador

- (A) atrelado à igreja católica (Bossuet era bispo), que foi nomeado tutor do Delfim (o rei sol), criando assim condições para justificar sacramente o poder divino do rei sol.
- (B) bispo, mas funcionário régio, que foi contratado pelo rei absolutista para criar seu filho (o Delfim) e escrever um livro elogioso sobre o poder do rei que era maior do que o do Deus.
- (C) ligado à burocracia eclesiástica e temporal (régia), que optou por ser um pensador que valorizava o poder mundano e régio em detrimento do poder da igreja (divino).
- (D) libertário e independente, que escrevia sobre o rei do ponto de vista de um livre pensador ilustrado e iluminista.
- (E) já idoso, que desistiu de ser bispo para se tornar educador do novo rei sol e assim garantir o poder do rei sobre a supremacia da igreja romana, que diminuía a igreja francesa.



35 Sobre a bíblia e seu papel na Revolução Inglesa de 1640, escreveu o historiador Christopher Hill:

“Meu objetivo neste livro [A *Bíblia Inglesa e as revoluções do século XVII*] é tentar entender o papel desempenhado pela *Bíblia* na vida dos homens e das mulheres da Inglaterra revolucionária do século XVII. A introdução à *Bíblia* de 1603 (...) nos convida a lembrar que as escrituras contêm assuntos concernentes às nações e aos governos, ao bem e ao mal, à prosperidade e às pragas, à paz e à guerra, à ordem e à desordem. Elas abrangem a vida de todos os homens, ricos e pobres...”

(Christopher Hill. *A bíblia inglesa e as revoluções do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 9).

Pelo trecho acima e com base no que se conhece sobre a revolução inglesa do século XVII, compreende-se que nela a Bíblia significou principalmente um instrumento de

- (A) certezas absolutas, em que o poder divino do rei inglês foi mantido e sustentado ideologicamente.
- (B) afirmação da supremacia do poder do rei sobre o parlamento e sobre as nações e governos, reafirmando a monarquia absolutista.
- (C) lutas políticas e sociais, servindo de base para diferentes propostas de mudanças políticas (radicais ou não) que levaram à Revolução Inglesa de 1640.
- (D) modelo para radicais, sobretudo comunistas que leram nela motivações para suas propostas de derrubada da monarquia britânica.
- (E) exemplo de campo de conflito entre absolutistas e constitucionalistas liberais, que abriu caminho para a Revolução Inglesa, uma revolução burguesa clássica.

36 Leia um trecho do verbete “Caraíba”, retirado do *Dicionário do Brasil colonial*, e responda à questão sobre a cultura e sociedade indígena de tradição tupinambá nos tempos da conquista portuguesa da América.

Na crônica quinhentista a palavra ‘*caraíba*’ aparece muitas vezes como o nome pelo qual os índios tupis do litoral denominaram inicialmente os brancos portugueses (...) Posteriormente os jesuítas, ao menos no início, foram chamados pelos índios de *caraíbas*. Assim os nativos associavam os recém-chegados aos personagens de sua própria cultura aos quais atribuíram poderes extraordinários, sendo capazes de se comunicarem com o mundo dos mortos e os espíritos ancestrais. Eram pajés-açus, ou pajés grandes. Apesar do exagero no poder desfrutado pelos *caraíbas* na cultura tupi, visto que estes nunca foram “reis divinos”, esta associação foi importante no processo de dominação colonial, sendo usada depois pelos próprios jesuítas que se faziam passar por *caraíbas*, imitando o seu estilo, e dizendo-se mais poderosos do que eles.

(Texto adaptado. Retirado de Ronaldo Vainfas. “Caraíbas”. *Dicionário do Brasil colonial*. São Paulo: Editora Objetiva, 2000, pp. 94-95).

O trecho recupera uma relação entre a cultura indígena de tradição tupinambá e o processo de dominação e catequese português e jesuítico sobre estes indígenas. Nesta relação, os jesuítas se autocaracterizavam como

- (A) membros *caraíbas* e iguais aos tupinambás, utilizando desta associação para melhor dominar e escravizar os povos indígenas do litoral colonial, modificando sua cultura e língua de dentro para fora.
- (B) superiores ou “concorrentes” aos *caraíbas* indígenas, aproveitando-se de “confusão” tupinambá inicial para fortalecer o poder religioso e régio sobre esta população indígena litorânea, utilizando-se de seu trabalho.
- (C) inferiores aos tupinambás no começo da conquista para depois se fortalecerem sorrateiramente e escravizarem os povos indígenas litorâneos, utilizando-se inclusive para a conquista de outros povos interioranos.
- (D) iguais aos *caraíbas* tupinambás, numa comparação que servia de base para a dominação, já que os jesuítas os obrigaram a falar o português e introduziram o catolicismo na cultura indígena, escravizando-os.
- (E) superiores aos pajés ou *caraíbas* indígenas, que foram ironicamente desacreditados desde o início da conquista e seu exemplo serviu de base para os jesuítas destruírem a língua e cultura tupinambá.



37 Leia o trecho abaixo que trata da história da cartografia no Brasil e responda à questão proposta.

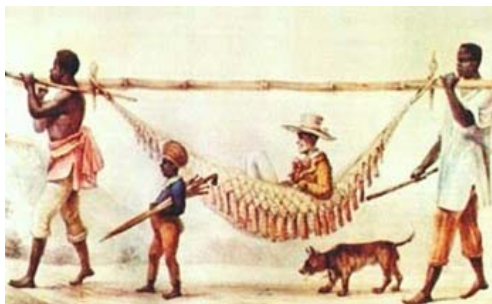
“A cartografia brasileira originou-se a partir da cartografia portuguesa desenvolvida no século XVI, no período das Grandes Navegações. Devido à necessidade de elaboração de mapas das rotas de navegação, de cuja precisão dependia o sucesso das expedições, houve uma intensa produção de mapas. (...) No início do século XVII, grande parte da Amazônia foi mapeada pelos portugueses. (...) Aos poucos, a costa [litorânea do atual Brasil] foi sendo conhecida e ocupada, e as preocupações náuticas foram cedendo e dando lugar à expansão territorial de interiorização e posse [colonial portuguesa]”.

(Rosely Sampaio Archela. “Evolução histórica da cartografia no Brasil”. *Revista Brasileira de Cartografia*. Nº 59/03, dezembro 2007, p. 214).

O trecho acima marca uma mudança essencial na produção cartográfica (de mapas) feita pelos portugueses na passagem dos séculos XVI para o XVII. Nela, os mapas deixaram de servir para

- (A) demarcar tratados como os de Tordesilhas e passaram a demarcar territórios obtidos por meio de ocupação e luta expansionista lusitana, como foi o caso da Amazônia, território roubado pelos lusitanos aos espanhóis e ingleses.
- (B) recuperar rotas de navegação de caminhos lusitanos rumo às índias asiáticas, para se tornarem essenciais para a conquista do litoral brasileiro e sua melhoria na produção de cana-de-açúcar e café.
- (C) delimitar o expansionismo territorial português de conquista mundial presente no século XVI, para representar os pontos de defesa deste território diante da expansão inglesa e norte americana no século XVII.
- (D) instruir sobre rotas de navegação visando ao conhecimento dos mares e do litoral, para desenhar a ocupação territorial mais interiorana diante dos temores lusitanos perante a ampliação territorial de outras nações europeias, como a Espanha, a Inglaterra e a França.
- (E) demarcar os territórios lusitanos navegáveis, para analisar os possíveis territórios a serem ocupados – de forma legal – pelos portugueses em guerra contra grandes nações, como a Inglaterra e a França.

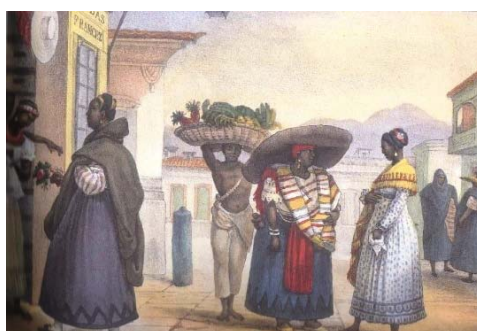
- 38** Observe as três imagens que se seguem e responda à questão proposta sobre o mundo da escravidão de origem africana no Brasil colonial e imperial.



Jean Jacques Debret. Tela "O regresso de um proprietário". *Viagem pitoresca*. Volume 1, São Paulo: Círculo do Livro, 1988, p. 204.



Jean Jacques Debret. Tela "Os refrescos do largo do Palácio". *Viagem pitoresca*. Volume 1, São Paulo: Círculo do Livro, 1988, p. 181.



Jean Jacques Debret. "Negras livres vivendo de suas atividades. Vendedoras de aluá, de manuê e de sonhos". *Viagem pitoresca*. Volume 1, São Paulo: Círculo do Livro, 1988, p. 264.

As três imagens foram retiradas das pinturas feitas por um mesmo pintor, Jean Jacques Debret. Elas representam a forte presença de uma população de africanos e afrodescendentes nas ruas do Rio de Janeiro. De acordo com essas imagens e conforme o que se conhece sobre o mundo da escravidão de origem africana, é correto afirmar que esta população afro-brasileira ocupava-se, na corte carioca, com trabalhos

- (A) escravos, em que se percebe um forte controle e policiamento das autoridades no mundo do trabalho escravo urbano com a presença nas pinturas de autoridades uniformizadas, cães e figuras disfarçadas para o controle bem feito das tarefas dos escravos urbanos.
- (B) escravos e libertos, em que se vê a diversidade de ocupações e de controle do trabalho desta população, que trabalhava por tarefas, mas podia (quando escrava) sofrer castigos senhoriais caso não cumprisse a produção e (quando liberta e escrava) sofrer prisões e castigos das autoridades públicas.
- (C) escravos e libertos, em que se percebe a forte presença de população escrava negra e liberta mestiça e em que os escravos eram mais punidos e censurados e os libertos mestiços eram mais bem tratados, demonstrando uma legítima e eficiente política de branqueamento e democracia racial entre os libertos.
- (D) escravos e libertos divididos em grupos separados. Os escravos trabalhavam mais em tarefas pesadas, como o transporte público dos senhores, e os libertos ficavam com a maioria dos setores de vendas, por onde podiam se sustentar e juntar dinheiro para a compra de alforria de seus irmãos escravizados.
- (E) escravos, que eram divididos entre aqueles que podiam ir e vir, mas que só faziam isso na presença de seus senhores (ver o caso da primeira tela), e aqueles que vendiam os produtos feitos por seus senhores, e que estavam sob a vigilância das autoridades públicas, como a do soldado na segunda tela.

- 39** Observe as duas reproduções de tela abaixo sobre o momento da execução de Tiradentes e responda à questão proposta sobre ele e a memória da Inconfidência Mineira.



Alberto da Veiga Guignard. A execução de Tiradentes. Óleo sobre madeira (1961). Coleção Sergio Fadel | Rio de Janeiro – Brasil. Link: <http://warburg.chaa-unicamp.com.br/obras/view/9235>. Acessado em 01.12.2017.



Pedro Américo. Tiradentes esquartejado. 1893. Pinacoteca do Estado de São Paulo. Link <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/11/1544763-pinacoteca-expoe-pintura-historica-de-tiradentes-esquartejado.shtml>. Acessado em 01.12.2017.

Embora as duas telas representem o mesmo Tiradentes e sua execução em 1793, elas o representam de forma muito diferente. Esta mudança pode ser percebida porque na primeira tela Tiradentes se apresenta como o

- (A) centro unificador dos anseios gerais por liberdade da população, com ênfase na luta dos escravos de origem africana; de forma oposta à tela de Pedro Américo, que representava um Tiradentes esquartejado e dividido diante da opressão colonial e imperial no momento da proclamação da República do Brasil (1893).
- (B) ícone aglutinador de todas as forças nacionais do Brasil contra a opressão colonial que assolava a pátria brasileira no passado (1793) e no presente (1961). Já a segunda tela mostra um Tiradentes morto e esquartejado, demonstrando a derrota dos portugueses opressores sobre os colonos e escravos de Minas Gerais.
- (C) centro de todas as atenções entre as autoridades coloniais brancas e afro-brasileiros. Ele se parece com a figura de Jesus Cristo na crucificação, tornando-se o mártir da pátria. Já a segunda imagem constrói um Tiradentes derrotado e esquartejado pela elite inglesa e portuguesa.
- (D) ponto agregador de todas as forças de resistência coloniais (de brancos, indígenas e negros) e que estava sendo morto apenas fisicamente, já que sua luta e espírito resistiria até 1961 (tempo da ditadura). Já a segunda imagem mostra um Tiradentes esfaqueado pelos seus opressores, também martirizado e simbolizado como um exemplo de abnegação pela pátria.
- (E) símbolo agregador de forças sociais (militares mais ao centro da pintura) e do povo, em especial os negros. Já o Tiradentes da segunda imagem demonstra a figura de um mártir esfaqueado e resistente aos pedaços, sugerindo que o caminho da resistência seria a junção metafórica de todas as partes cortadas no passado pela memória do presente.



- 40** Leia atentamente o trecho abaixo e responda à questão proposta sobre a data de 20 de novembro e seu papel no ensino da história.

“Dia 20 de novembro, dia da consciência negra, foi instituído oficialmente pelo governo federal em 1995, no contexto das comemorações do tricentenário de morte de Zumbi dos Palmares. Este dia é a síntese e ao mesmo tempo a reflexão e ação, traduzidas como luta e a reafirmação permanente de cidadania. (...) o dia da consciência negra não serve para ações comemorativas laudatórias. O 20 de novembro busca promover ações afirmativas de valorização da população afrodescendente brasileira. (...) No campo educacional [tem-se] promovido ações significativas no sentido de ampliar as possibilidades de acesso da população afrodescendente à instrução pública”.

(Marco Antonio de Oliveira. “20 de novembro (1995). Dia da consciência negra”. In: Circe Bittencourt (org.). *Dicionários das datas da história do Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2007, pp. 271-273).

O texto acima faz uma crítica e uma reflexão sobre o papel das datas comemorativas – e em especial à de 20 de novembro – na vida e nas ações escolares ou educacionais no Brasil contemporâneo. Neste caso específico, comemorar o 20 de novembro servia para promover uma melhoria na instrução pública por meio de ações como

- (A) suspensão das aulas no dia 20 de novembro e promoção na escola, ao longo da semana e do mês da consciência negra, de festas e outras atividades que identifiquem a presença e a contribuição da cultura “negra” dentro da cultura brasileira.
- (B) criação de espaços e diálogos na escola e em especial no dia 20 de novembro onde os afrodescendentes sejam percebidos como cidadãos, valorizando a política afirmativa que amplie as possibilidades de acesso desta população a uma instrução pública gratuita e de qualidade e de superação coletiva do passado escravocrata.
- (C) promoção de ações afirmativas por meio das quais os afrodescendentes se percebam como vítimas de um sistema opressor no passado, que só poderá ser superado por meio de ações e intervenções que invertam o preconceito e preconizem a preponderância da cultura afrodescendente sobre a *pseudo* brasileira.
- (D) criação de atividades que valorizem o potencial físico e esportivo da população afrodescendente, bem como a grandiosidade da culinária dos ex-escravos dentro da cultura brasileira na junção das três raças (branca, negra e indígena), promovendo democracia racial brasileira.
- (E) valorização das leis de cotas raciais nas universidades brasileiras, com campanhas no dia 20 de novembro, cuja finalidade seria a luta por leis punitivas à discriminação dos afrodescendentes no Brasil, com forte pressão aos deputados federais por sua aprovação.